

## CONTATO INTERGRUPAL EM GOIÂNIA: RELAÇÕES ENTRE INDÍGENAS E NÃO-INDÍGENAS

Jean Carla P. Duarte\*, Rômulo Campos\*, Karlla de Fátima Camargo\*, Camila M. G. Araújo\*, Gelcimary Menegatti\*, Lucas E. C. de Oliveira\*, Thalita V. L. Matignoni\*, Ionara V. M. Rabelo\*\* e Ana Raquel R. Torres\*

\*Universidade Católica de Goiás

\*\* UNIP – Campus Goiânia

Sabe-se pouco da história indígena, a sua origem, sua população no período pré-cabraliano e mesmo atual (Cunha, 1992). No início dos anos de mineração em Goiás, os Bandeirantes encontraram grande número de grupos indígenas, estimados em mais de 50 mil. Atualmente, no Estado de Goiás restam apenas os Avá-Canoeiro, os Tapeiros e os Karajás. (Moura, 2006). Goiânia, como capital do estado, possui um pequeno número de indígenas residentes em sua área metropolitana. Assim, presente trabalho tem como objetivo analisar os níveis de contato entre indígenas e não-indígenas de Goiânia, Goiás, e suas relações com a rejeição à intimidade (Bogardus, 1933). Brown (1995) define o preconceito como uma atitude socialmente orientada contra um grupo ou contra um indivíduo pelo fato de ele ser membro de determinado grupo social. Myers (2000) ressalta a diferença entre o preconceito e discriminação, revelando que a discriminação é um comportamento negativo ou um conjunto de ações programadas contra um grupo, baseados em um julgamento prévio supostamente negativo dos membros desses grupos. Participaram deste estudo 291 alunos de duas escolas públicas do Ensino Médio localizada em Goiânia. A idade média dos participantes foi de 16 anos e 5 meses (DP= 1,5 anos); 47,9% eram homens e 52,1% eram mulheres. O questionário utilizado foi respondido individualmente em aplicação coletiva. Este estudo faz parte de um projeto maior, no entanto, neste trabalho relataremos apenas os resultados do contato intergrupar entre indígenas e não-indígenas e suas relações com a rejeição à intimidade. Em média, os participantes conhecem uma pessoa indígena e têm contato com ela pelo menos uma vez por ano, demonstrado assim que, embora existam indígenas residentes em Goiânia, o contato dos não-indígenas com essas pessoas é bastante escasso. Outro resultado que nos chama atenção é o fato que 18,4% dos participantes afirmaram ter algum parente indígena. Destes participantes, 30% tinham parentesco até segundo grau (avô ou avó) e 46,8% parentes em terceiro grau (bisavô ou bisavó). Para

analisar a rejeição/aceitação à intimidade, foi utilizada a escala de Bogardus (1933) especialmente adaptada para este estudo. Os resultados indicam que, de uma maneira geral, os participantes não têm rejeição em manter contato com pessoas indígenas. Tomados em conjunto, esses resultados indicam que, numa situação onde o contato intergrupar é mínimo, os participantes não têm rejeição em mantê-lo. Essa relação é discutida ressaltando-se a importância de novos estudos em contexto onde exista um maior contato entre indígenas e não-indígenas.